



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA

EXTENSÃO E LITERACIA MIDIÁTICA: UM DISPOSITIVO PARA OLHAR OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO E A JUVENTUDE

Débora Oliveira; deboram2@gmail.com¹

Jhonatan Mata; jhonatanmata@yahoo.com.br (orientador)²

Sara de Moraes; sarademoraes@gmail.com (co-autor)³

Caio Ferreira; caiofs@gmail.com (co-autor)⁴

RESUMO

Este artigo discute o papel da extensão universitária no ensino na comunicação, considerando sua contribuição para a formação de profissionais socialmente engajados. A reflexão parte das experiências do projeto Polijovem, desenvolvido pelo grupo de pesquisa Sinestelas (UFJF). Fundamentado no conceito de Educação Libertadora de Paulo Freire (1967) e articulado à Literacia Midiática, o trabalho analisa como práticas de diálogo e escuta ativa entre universidade e escola podem estimular processos formativos críticos e colaborativos. Nesse contexto, observa-se que a interação favorece a construção de uma produção jornalística mais sensível às realidades sociais e às transformações do ecossistema comunicacional contemporâneo. Dessa forma, a prática extensionista torna-se um elemento central para compreender as dinâmicas dos nativos digitais e para repensar as práticas pedagógicas diante dos desafios da informação, da participação política e da cidadania no ambiente virtual.

PALAVRAS-CHAVE

Literacia Midiática. Engajamento Político. Projeto de Extensão. Minas Gerais. Jovens.

1. INTRODUÇÃO

¹ Doutoranda em Comunicação na Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF. Bolsista PBPG.

² Doutor em Comunicação Ecopós-Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)/ Blanquerna School Barcelona. Professor Permanente no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)

³ Doutoranda em Comunicação na Universidade Federal de Juiz de Fora. Bolsista FAPEMIG.

⁴ Doutorando em Comunicação na Universidade Federal de Juiz de Fora. Bolsista CNPQ.



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



A crescente presença e destaque das mídias digitais na vida social contemporânea tem reconfigurado as formas de circulação da informação, de participação política e de construção de identidades coletivas. Nesse cenário, os jovens ocupam uma posição estratégica, já que em grande parte, são usuários e produtores de conteúdo nas plataformas digitais desde a infância. Contudo, a familiaridade técnica com essas ferramentas não implica, necessariamente, capacidade crítica para interpretar, avaliar ou produzir informações de maneira ética e responsável. Com este entendimento, torna-se fundamental discutir o papel da educação e da comunicação na formação de sujeitos capazes de compreender criticamente o ecossistema midiático atual.

Há, neste sentido também, uma descrença nos profissionais do campo da comunicação iniciada principalmente no campo de discussões políticas, e que precisa ser intensamente trabalhada antes mesmo de chegar aos veículos. De acordo com Byung-Chul Han (2018), a “desmediatização da comunicação faz com que os jornalistas, esses ‘fazedores de opinião’ e mesmo sacerdotes de opinião, pareçam completamente superficiais e anacrônicos” (Han, 2018, p.37) reforçando o argumento de que, para construirmos uma nova relação com a audiência é preciso a abertura de entender suas necessidades, que vão além de uma comunicação facilitada proporcionada pelas plataformas digitais, mas sim a confiança e uma construção sólida e profunda. Han argumenta que a partir de certo ponto a informação deixa de ser informativa e se torna reformadora, deixando então de ser comunicativa e passando a ser cumulativa, uma importante representação de que maneira o comunicar é transformado na esfera digital.

No campo da formação no campo da comunicação, esse debate torna-se ainda mais urgente. O ensino universitário enfrenta o desafio de preparar estudantes para um cenário comunicacional marcado por transformações tecnológicas aceleradas, mudanças nas rotinas produtivas e novas formas de relação com as audiências. Nesse sentido, a extensão universitária surge como uma dimensão indispensável do ensino,



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



permitindo que os estudantes articulem conhecimentos teóricos com experiências práticas em contextos sociais concretos. Este artigo discute o papel da extensão universitária como eixo transformador do ensino em Jornalismo, considerando sua contribuição para a formação de profissionais socialmente engajados e atentos às dinâmicas de participação cidadã.

A reflexão parte da experiência do projeto de extensão Polijovem, desenvolvido pelo grupo de pesquisa Sinestelas, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), com financiamento da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (Fapemig), realizado em 2024. Mais do que apresentar os resultados do projeto, o objetivo deste artigo é refletir sobre como a metodologia e as práticas desenvolvidas no Polijovem podem inspirar experiências pedagógicas adaptáveis ao ensino de graduação em Jornalismo. Argumenta-se que iniciativas desse tipo funcionam como laboratórios de aprendizagem, nos quais os estudantes universitários podem experimentar novas linguagens, aplicar metodologias participativas e exercitar formas de diálogo com públicos jovens, desenvolvendo competências fundamentais para a prática da comunicação na atualidade.

2. O AMBIENTE DIGITAL E AS DINÂMICAS DE PARTICIPAÇÃO

O ambiente digital se firmou não só como espaço de circulação da informação, mas como território de existência, pertencimento e produção de sentidos. Nele, os sujeitos são continuamente instigados a participar, seja por meio de interesses moldados pelo consumo e organizados por algoritmos, seja pela inserção em debates intensos nas plataformas, seja ainda pela formulação de opiniões a partir de temas amplamente viralizados. Nesse contexto, os indivíduos passam a integrar grupos que, embora não possuam contornos físicos claramente definidos, compartilham repertórios,



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22, 23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



linguagens e percepções semelhantes, configurando aquilo que se convencionou chamar de “bolhas digitais”.

Ao refletir sobre essa dinâmica em seu livro *No enxame*, Byung-Chul Han (2018) argumenta que o ambiente digital é marcado por uma multiplicidade de indivíduos singularizados. Diferentemente da massa tradicional, que se organizava em torno de um centro de gravidade ideológico, o enxame digital opera por aproximações difusas, agregando sujeitos que participam intensamente, mas sem necessariamente constituir um corpo coletivo estável. Trata-se de uma comunidade fragmentada, conectada por fluxos de interação e pela lógica da circulação. Compreender o papel dos sujeitos nesses ambientes é fundamental para pensar processos de transformação social, política e comunicacional.

Quando se trata da juventude, essa questão se torna ainda mais sensível. Os chamados nativos digitais mantêm relação cotidiana com dispositivos, linguagens audiovisuais e redes sociais, desenvolvendo grande familiaridade com práticas de consumo e produção de conteúdo. No entanto, essa proximidade técnica não garante, por si só, qualidade crítica na leitura da informação, tampouco assegura responsabilidade ética na produção de mensagens. É nesse ponto que a literacia midiática se torna essencial, ao fornecer instrumentos para a leitura crítica, para a expressão autoral e para a participação consciente no ambiente público digital.

3. O PROJETO DE EXTENSÃO POLIJOVEM

Foi a partir dessa perspectiva que o projeto Polijovem surgiu, com o objetivo de “polinizar” os jovens por meio do estímulo ao pensamento crítico, da escuta ativa e da produção midiática autoral. Desenvolvido em parceria com a Escola Estadual Fernando Lobo, em Juiz de Fora, o projeto promoveu 24 encontros formativos com estudantes do Ensino Médio, nos quais foram trabalhadas ferramentas de reflexão, debate e experimentação comunicacional voltadas ao fortalecimento de competências



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



mediáticas e cidadãs. Financiado pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais (Fapemig), o Polijovem foi executado pelo grupo de pesquisa Sinestelas, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora.

A iniciativa consistiu na criação de um laboratório piloto de produção midiática e jornalismo político jovem, envolvendo 46 estudantes da escola parceira. Ao articular oficinas formativas e produção audiovisual autoral, o projeto buscou investigar de que maneira o jornalismo político produzido por e para adolescentes pode auxiliar no despertar da consciência cidadã e no desenvolvimento de competências midiáticas. A metodologia combinou momentos teóricos e atividades práticas, resultando em conteúdos produzidos pelos próprios alunos por meio do Instagram da turma e do webdocumentário Polijovem.doc.

A linguagem audiovisual foi utilizada como recurso central para conferir visibilidade às subjetividades juvenis, às vivências cotidianas e às experiências territoriais dos participantes, fortalecendo processos de pertencimento, identidade local e expressão pública. A proposta partiu do entendimento de que a adolescência constitui um período decisivo de socialização política. Nesse sentido, a escola pública se apresenta como espaço estratégico para a formação cidadã e para a ampliação das possibilidades de participação social.

No âmbito do Polijovem, o jornalismo político não foi tratado como mera capacitação técnica, mas como linguagem e prática social capaz de oferecer instrumentos de leitura crítica da realidade, das instituições e dos conflitos cotidianos. Sob essa perspectiva, o exercício da cidadania demanda não apenas o acesso à informação, mas também a capacidade de interpretar criticamente mensagens midiáticas e de produzir conteúdos autorais de maneira consciente e situada. Ao integrar o saber acadêmico à realidade escolar, o projeto evidencia o papel da universidade pública na construção de respostas socialmente comprometidas e na sistematização de práticas que podem inspirar outras



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



experiências. É justamente nesse ponto que o Polijovem ultrapassa sua dimensão de ação extensionista localizada e passa a se apresentar como referência metodológica para o ensino de Jornalismo.

4. A PRÁTICA EXTENSIONISTA COMO BENEFÍCIO PARA A FORMAÇÃO DE COMUNICADORES

A extensão universitária amplia o processo de aprendizagem para além dos espaços formais da sala de aula, aproximando os estudantes de Jornalismo das realidades concretas de seus públicos. Esse contato direto favorece uma formação mais situada, crítica e socialmente comprometida, ao articular teoria, prática e escuta ativa. Assim como o exercício docente é atravessado pela troca e pela aprendizagem contínua, o estudante de Comunicação também aprende quando se coloca em relação com sujeitos reais, contextos específicos e demandas concretas de produção e mediação comunicacional. Essa dimensão torna-se ainda mais relevante quando observamos a relação da juventude contemporânea com o ambiente digital. Os nativos digitais crescem em contato permanente com plataformas, dispositivos e linguagens interativas, desenvolvendo grande familiaridade com práticas de circulação, edição e compartilhamento de conteúdos. Entretanto, essa proximidade com as ferramentas não implica, necessariamente, capacidade de análise crítica do que se consome ou produz.

É precisamente nesse ponto que a promoção da literacia midiática se torna central, tanto para os jovens participantes quanto para os universitários envolvidos na mediação pedagógica. Ao participar de um projeto como o Polijovem, o estudante de Jornalismo é instigado a rever formatos, linguagens e estratégias narrativas. Percebe, na prática, que falar sobre política, cidadania e participação para um público jovem exige sensibilidade social, adaptação de linguagem e compromisso ético com a clareza, sem abrir mão da densidade do conteúdo.



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



A experiência extensionista, portanto, opera como um espaço de aprendizagem situada, em que os futuros jornalistas desenvolvem competências que dificilmente seriam exploradas apenas em disciplinas tradicionais. Uma das experiências que emerge desse processo é o Própolis, projeto criado em conjunto com estudantes da graduação da Universidade Federal de Juiz de Fora. A proposta parte do reconhecimento de que as novas linguagens digitais demandam modos específicos de abordar temas públicos, especialmente a política. Ao se apropriar das lógicas, estéticas e formatos próprios das plataformas, o Própolis busca comunicar temas políticos com clareza, responsabilidade e aderência às formas contemporâneas de circulação.

A experiência mostra que é possível conciliar apropriação da linguagem das plataformas com produção qualificada de conteúdo, abrindo caminhos importantes para a formação dos futuros comunicadores. O engajamento político juvenil também aparece como dimensão central dessa discussão. Em pesquisas anteriores, Mata e Moraes (2023) analisaram a repercussão da campanha midiática eleitoral de 2022 em prol do voto jovem, enquanto Moraes, Mata, Oliveira e Ferreira (2025) investigaram o caso Olha o Barulhinho, observando estratégias digitais utilizadas no Instagram para incentivar os jovens a votar. Considerando que adolescentes entre 16 e 17 anos somam 1,8 milhão de eleitores habilitados no Brasil (TSE, 2024), torna-se fundamental compreender de que maneira a comunicação pode ser mobilizada como ferramenta de preparação cidadã, ampliação da consciência crítica e fortalecimento da participação política desse público.

Orientados por procedimentos de pesquisa participativa (Peruzzo, 2018), uma vez que os autores integraram a equipe responsável por executar o projeto, observamos a aplicação do Polijovem e refletimos sobre a experiência de utilizar ferramentas comunicacionais como gatilhos de performance crítica e construção de senso político.

5. A PRÁTICA EXTENSIONISTA NAS ESCOLAS



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



A extensão universitária, quando articulada às atividades de ensino e pesquisa, constitui um importante espaço de experimentação pedagógica e produção de conhecimento aplicado. Ao aproximar universidade e comunidade, esse tipo de iniciativa permite que pesquisadores e estudantes ampliem suas perspectivas a partir de contextos concretos, vivenciados diretamente pelos sujeitos envolvidos. Nesse sentido, a extensão favorece a elaboração de metodologias e estratégias que dialoguem com a realidade. Como destacamos em estudo anterior, “entendemos a prática da extensão universitária como um lugar de experimentação e de possibilidades variadas de aplicação de metodologias pedagógicas que podem e devem ir além das delimitadas pelos currículos básicos” (Ferreira; Moraes; Mata; Oliveira, 2025, p. 261).

Projetos de extensão desenvolvidos em escolas públicas tornam-se particularmente relevantes por permitirem uma articulação direta entre teoria e prática. Nesse ambiente, é possível testar abordagens pedagógicas, observar resultados e identificar ações que possam ser replicadas em outros contextos educacionais. No caso do Polijovem, a realização das atividades no espaço escolar possibilitou ampliar as perspectivas dos estudantes por meio de diferentes ferramentas pedagógicas, entre elas a discussão coletiva, o debate e a produção colaborativa de conteúdos.

A centralidade do diálogo nesse processo encontra respaldo na pedagogia de Paulo Freire. Para o autor, a aprendizagem ocorre por meio da participação ativa dos sujeitos, e a palavra não deve ser compreendida como um dado transmitido unilateralmente pelo educador, mas como objeto de reflexão coletiva. Nesse sentido, “a palavra jamais pode ser vista como um ‘dado’ (ou como uma doação do educador ao educando), mas é sempre, e essencialmente, um tema de debate para todos os participantes do círculo de cultura” (Freire, 1967, p. 5).

A discussão, portanto, constitui elemento central para a construção do conhecimento, na medida em que promove a participação, a problematização da realidade e o



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



reconhecimento dos estudantes como sujeitos ativos no processo educativo. Ao longo da experiência do Polijovem, defendemos que a prática pedagógica inspirada na Educação Libertadora pode ser aplicada não apenas no plano teórico, mas também em experiências concretas de ensino e extensão.

Nessa perspectiva, os estudantes são incentivados a reconhecer-se como produtores de cultura e conhecimento, participando ativamente dos processos de debate, reflexão e criação. A autonomia proporcionada por esse modelo pedagógico favorece o desenvolvimento do senso crítico, do autoconhecimento e da curiosidade intelectual, aspectos fundamentais para a formação cidadã. Mesmo diante das desigualdades estruturais presentes no contexto brasileiro, o acesso (ainda que desigual) aos ambientes digitais amplia as possibilidades de expressão e participação dos jovens. Esses espaços se tornam arenas de debate, produção e circulação de conteúdos, nas quais diferentes narrativas e posicionamentos são construídos. Assim, a utilização de ferramentas comunicacionais no contexto educativo pode contribuir para ampliar a participação crítica dos estudantes, aproximando-se da perspectiva de uma educação voltada para a emancipação e a cidadania.

6. EDUCAÇÃO LIBERTADORA E LITERACIA MIDIÁTICA

Embora a alfabetização midiática não estivesse diretamente presente nas formulações originais de Freire, suas reflexões dialogam de maneira significativa com o campo da Educação Midiática. A visão da liberdade ocupa lugar central em sua proposta pedagógica, uma vez que é ela que atribui sentido à prática educativa baseada na participação ativa dos educandos. Segundo o autor, essa participação livre e crítica constitui um dos princípios fundamentais para a estruturação do círculo de cultura, espaço de aprendizagem que se diferencia da escola tradicional ao privilegiar o diálogo e a construção coletiva do conhecimento (Freire, 1967).



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



Nesse sentido, autores como Soares (2013) e Livingstone (2008) contribuem para ampliar a reflexão sobre a importância do desenvolvimento de competências críticas relacionadas à mídia e à informação. Para Livingstone (2008), a literacia midiática possui pelo menos três dimensões centrais. A primeira refere-se à democracia, à participação e à cidadania ativa, pois indivíduos com maior domínio crítico das mídias tendem a desenvolver opiniões mais informadas e maior capacidade de participação pública. A segunda relaciona-se à economia do conhecimento, na qual habilidades de análise e interpretação da informação tornam-se cada vez mais relevantes para a inserção profissional e social. Por fim, a literacia midiática também se conecta ao aprendizado ao longo da vida, à expressão cultural e à realização pessoal, contribuindo para a construção de sociedades mais criativas, críticas e éticas.

A experiência do Polijovem dialoga diretamente com essas perspectivas. Ao promover autonomia, debate, produção autoral e reflexão sobre as mídias, o projeto evidencia que práticas pedagógicas orientadas pela Educação Libertadora podem produzir resultados significativos quando associadas ao desenvolvimento da literacia midiática. A promoção do diálogo, da autoria e da participação ativa dos estudantes demonstrou potencial para estimular a reflexão crítica e fortalecer a compreensão dos jovens sobre seu papel na sociedade e nos ambientes digitais.

7. CONTRIBUIÇÕES PARA O ENSINO DE JORNALISMO: O POLIJOVEM COMO MODELO ADAPTÁVEL À GRADUAÇÃO

Considerando a importância do debate o ensino de Jornalismo, e caminhos que pode ser tomados em um período de intensas transformações digitais, é fundamental explicitar que o interesse deste artigo não reside apenas na descrição do Polijovem como projeto de extensão voltado à educação básica, mas sobretudo em sua potência como modelo pedagógico adaptável à graduação. O projeto evidencia caminhos possíveis para repensar a formação universitária em Jornalismo, especialmente em um



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



cenário em que a relação entre juventude, plataformas digitais, circulação da informação e participação política exige novas abordagens pedagógicas. Ao ser adaptado para os cursos de Jornalismo, o Polijovem pode funcionar como laboratório de escuta, produção e mediação comunicacional. Em primeiro lugar, ele favorece o desenvolvimento da escuta sensível e da compreensão das audiências. Em vez de trabalhar com públicos abstratos ou perfis idealizados, os estudantes universitários passam a interagir com sujeitos reais, com demandas concretas, repertórios próprios e formas específicas de se relacionar com a informação. Isso contribui para uma formação menos centrada apenas na técnica e mais orientada à responsabilidade social da prática jornalística.

Em segundo lugar, o projeto estimula a experimentação de linguagens e formatos. A necessidade de traduzir temas políticos, sociais e institucionais para públicos jovens exige que o estudante de Jornalismo pense para além do texto noticioso tradicional, mobilizando recursos audiovisuais, estratégias narrativas para redes sociais, formatos breves e outras modalidades de comunicação contemporânea. Tal exercício fortalece a adaptação da formação universitária às transformações do ecossistema midiático sem abrir mão da qualidade, da ética e da função pública do jornalismo. Em terceiro lugar, o Polijovem pode ser incorporado como prática extensionista vinculada à formação crítica do universitário. Ao atuar como mediador de processos de literacia midiática, o estudante de graduação também fortalece sua própria compreensão sobre desinformação, circulação de discursos, cidadania digital e responsabilidade comunicacional.

Desse modo, a extensão deixa de ser apenas um campo de aplicação do conhecimento e passa a constituir um espaço efetivo de aprendizagem profissional e política. Defende-se, portanto, que experiências como o Polijovem podem ser adaptadas e incorporadas aos cursos de Jornalismo como projetos de extensão, ações curriculares ou laboratórios pedagógicos voltados à formação em comunicação pública, jornalismo



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



político, educação midiática e produção audiovisual. Ao articular universidade, escola e comunidade, esse modelo fortalece o tripé ensino-pesquisa-extensão e contribui para a formação de jornalistas mais preparados para compreender suas audiências, atuar em ambientes digitais complexos e desenvolver práticas comunicacionais socialmente comprometidas.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Experiências extensionistas como o Polijovem permitem observar, na prática, como conceitos discutidos por autores como Freire, Livingstone e Soares podem ser mobilizados em ações educativas voltadas à formação crítica de jovens. A vivência com os estudantes evidenciou que a oferta de ferramentas de produção e análise midiática, aliada ao estímulo ao pensamento crítico e ao diálogo, contribui para o desenvolvimento de sujeitos mais conscientes de seu papel social e político.

Ao combinar momentos de debate com atividades práticas de produção midiática, o projeto demonstrou que o engajamento político juvenil pode ser incentivado por meio de estratégias comunicacionais acessíveis e participativas. A campanha política desenvolvida no âmbito do Polijovem ilustra como a comunicação pode funcionar como instrumento de mobilização, reflexão e exercício da cidadania. Contudo, para além de seus resultados junto à escola parceira, o projeto se destaca por seu valor formativo para o ensino superior.

No caso específico do Jornalismo, o Polijovem aponta para uma possibilidade concreta de adaptação da extensão como prática pedagógica estruturante. Ao envolver estudantes universitários em processos de mediação, escuta, criação e reflexão crítica sobre os usos da mídia, o projeto oferece subsídios importantes para a renovação das metodologias de ensino e para a formação de profissionais mais atentos às demandas sociais contemporâneas.



25º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo

ENEJOR

O ENSINO DE JORNALISMO E A CRISE CLIMÁTICA

Brasília-DF

22,23 E 24 DE ABRIL

2026

PROMOÇÃO

REALIZAÇÃO

FOMENTO

APOIO



Dessa forma, entendemos que o Polijovem se apresenta como uma experiência exitosa de articulação entre universidade, escola e comunidade. Além de contribuir para a formação crítica dos jovens participantes, o projeto oferece um modelo metodológico que pode inspirar iniciativas semelhantes em outras escolas e, sobretudo, em cursos de Jornalismo interessados em fortalecer a integração entre ensino, pesquisa e extensão. Nesse sentido, mais do que uma experiência localizada, o Polijovem se configura como uma proposta replicável de formação universitária comprometida com a cidadania, com a escuta e com a transformação social.

REFERÊNCIAS

FREIRE, Paulo. Educação como prática da liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

Han, Byung-Chul. No enxame: perspectivas do digital. Petrópolis, RJ. Vozes, 2018.

MORAES, Sara, MATA, Jhonatan. Army-Bts e o voto jovem: aproximações e a pagamentos na cobertura telejornalística nas eleições brasileiras de 2022. In D. S. Silva et al. (Eds.), De olho na notícia. Ria Editorial.

MORAES, Sara de *et al.* "Olha o barulhinho: convergência e transmídia como estratégias para alcançar o engajamento do jovem eleitor. In: MORAES, Sara de *et al.* Reflexões e Proposições Cidadãs. [S. l.]: Ria Editorial, 2025. p. 159-186.

PERUZZO, Cicilia M. Krohling. Apontamentos para epistemologia e métodos na pesquisa em Comunicação no Brasil. Comunicação e sociedade, Míno, v. 1, n. 33, p. 25, jun. 2018.

SOARES, Ismar de Oliveira. Educomunicação: as múltiplas tradições de um campo emergente de intervenção social na Europa, Estados Unidos e América Latina. In: Panorama da Comunicação e das Telecomunicações no Brasil 2013. Brasília: Secretaria de Comunicação Social da Presidência da República, 2012. p. 170-190.

LIVINGSTONE, Sonia, van COUVERING, Elizabeth & THUMIM, Nancy. Converging Traditions of Research on Media and Information Literacies: Disciplinary and Methodological Issues. In: LEU, Donald et al (eds). Handbook of Research on New Literacies. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, 2008.